

**OS MEMORIALISTAS DE MOSSORÓ/RN E O CANGAÇO:
NARRATIVAS SOBRE A TENTATIVA DE ASSALTO DE LAMPIÃO
À MOSSORÓ EM 1927**

Ramona Lindsey Rodrigues Mendonça¹
Mestranda em Ciências Sociais e Humanas na
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Antonio Robson de Oliveira Alves²
Mestrando em Ciências Sociais e Humanas na
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

RESUMO

O presente artigo pretende analisar como o cangaço é visto nas obras narrativas dos memorialistas do município de Mossoró/RN, e como estes descrevem o evento da chegada do bando de Lampião a Mossoró a partir de seu lugar social, contribuindo na fomentação de novos ideários na cidade através de sua propagação, pretendendo enaltecer a história do município conferindo a esse destreza e imponência. Desse modo, utilizando-se dos aportes teóricos e da análise dos discursos literários dos memorialistas locais, pretendemos compreender como se dá a construção da memória do cangaço em Mossoró partindo dos escritos de Raimundo Nonato e Raul Fernandes, literatos que detiveram importância singular na cidade e que conferiram em suas narrativas visões cruciais para se pensar numa relação singular entre Mossoró e o cangaço.

Palavras-chave: Cangaço; Mossoró/RN; Memória.

ABSTRACT

The present article intends to analyze how the cangaço is seen in the narrative works of the memorialists of the municipality of Mossoró/RN, and how these describe the event of the arrival of the band from Lampião the Mossoró from its social place, contributing in the fomentation of new ideas in the city through its propagation, intending to extol the history of the municipality conferring this dexterity and magnificence. Thus, using the theoretical contributions and the analysis of the literary discourses of the local memorialists, we intend to understand how the construction of the memory of the cangaço in Mossoró is based on the writings of Raimundo Nonato and Raul Fernandes, writers who had singular importance in the city and who conferred in their narratives crucial visions to think of a singular relation between Mossoró and the cangaço

Keywords: Cangaço; Mossoró/RN; Memory.



Introdução

O Cangaço caracterizou uma etapa da História da região nordeste do Brasil, evidenciando-se como um tema de notável importância pelas obras que buscam explorá-lo. São inúmeras as produções existentes com relação à temática, podendo ser encontradas, além das produções historiográficas, nas literaturas de cordel, em filmes, nas representações teatrais, nas narrativas memorialísticas, dentre outras. Porém, percebe-se nessas construções as diferentes representações identitárias que são construídas a respeito do movimento do cangaço e dos próprios cangaceiros, oscilando em suas formas de vê-los.

Partindo dessa premissa é que surgem os questionamentos que darão rumo a nossa pesquisa: como os memorialistas do município de Mossoró tratam o movimento do cangaço acontecido na cidade em 13 de junho de 1927? Quais os seus posicionamentos a respeito desta história? Até onde as visões dos escritores influenciam a perpetuação de uma imagem dos cangaceiros e na atração de turistas à região atualmente? Partindo destas questões, objetivamos entender esse fenômeno e sobre as construções imagéticas acerca do episódio e de seus sujeitos, ora intitulados como heróis, ora por justiceiros e ora por bandidos.

Destarte, o propósito desta pesquisa é buscar compreender numa perspectiva crítica, a memória do cangaço na cidade de Mossoró reproduzida através das obras de alguns memorialistas como Raimundo Nonato da Silva com *Lampião em Mossoró* e Raul Fernandes com *A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró*, que relatam como se deu o movimento do cangaço no município a partir de seu lugar social³. Assim, propomos a analisar como este passado é representado através das narrativas construídas sobre ele e de como estes relatos ganham espaço na sociedade.

O cangaço e suas visões

O Nordeste é uma região multifacetada e destoante. Rico em cultura, diferencia-se das demais regiões do Brasil. Dentro da cultura nordestina, vários aspectos tornam tais disparidades mais visíveis, como é o caso da linguagem, vestimenta, comida, dentre outras características que denotam a essa região uma dessemelhança das demais do país. Consoante a isso, o pensamento de inferioridade em relação ao Nordeste, tornou-se recorrente, propiciando pesquisas e discussões singulares para o campo da historiografia⁴. O olhar de desprezo, das fantasias sociais, dos discursos de subalternidade e de atraso cultural, cedeu

lugar ao olhar para o outro lado do nosso país, o Sudeste. Lugar de desenvolvimento, rico em cultura e de importância impar no que concerne a História do Brasil.

Esses enunciados, que nos são contemporâneos, remetem o nosso olhar para um conceito que, por vezes, é esquecido e marginalizado nas pesquisas: o de região. Para Albuquerque Júnior,

A região é produto de uma batalha, é uma segmentação surgida no espaço dos litigantes. As regiões são aproveitamentos estratégicos diferenciados do espaço. Na luta pela sua posse. Na luta pela posse do espaço ele se fraciona, se divide em quinhões diferentes para os diversos vencedores e vencidos; assim a região é o motim de uma guerra. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 25 e 26)

Entendemos que há uma conotação política existente através do discurso de região. Diante disso, devemos pensar além da geografia e espacialidade, pois as fronteiras territoriais possuem um caráter eminentemente histórico. Dentro dessa visão somos impelidos a refletir no poder conferido aos discursos regionalistas que incutem e orquestram visões dicotômicas sobre os espaços e, nesse sentido, influenciam as concepções dos indivíduos no corpo social.

A origem do cangaço na região Nordeste encontra seu alicerce em meio ao contexto de desordem política, econômica e social, em que os conflitos e as crises intensificaram ainda mais a situação em que

se encontrava a população. Neste âmbito de circunstância econômica degradante, na qual a seca prejudicava bastante a pecuária e a agricultura, castigando de maneira lastimável os sertanejos, os quais já sofriam com o descaso e esquecimento do poder público. É nesse cenário fustigante que este fenômeno se inicia, em meados do século XIX e início do XX, período no qual os coronéis já detinham grande influência sobre a atividade econômica e política na região, representando o poder absoluto em determinados territórios, onde aos habitantes, em sua grande maioria trabalhadores pobres, era cabível apenas serem submetidos aos comandos dos grandes latifundiários.

É importante lembrar como surgiu o coronelismo, para ter uma ideia de como se construiu a autoridade dos coronéis dentro da sociedade. Desta forma, o poderio dos grandes latifundiários tem seu princípio ainda no período monárquico, com a criação da Guarda Nacional, porém iniciou-se apenas de forma institucional, ou seja, o título se dava através da compra de postos militares que eram colocados à venda pelo governo da época, aumentando assim o status social destes ricos senhores. Somente após a transição da monarquia para a fase republicana, foi que o sentido do termo coronelismo se modificou, passando a

representar o poder que a elite exercia sobre a classe menos favorecida.⁵

Dentro desse contexto, o estabelecimento das relações de trabalho entre chefe e subordinado era feito como uma espécie de “troca de favores”, onde o sertanejo necessitado se valia da oferta dos donos de terra, como nos coloca a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz citada na dissertação de mestrado de Wescley Dutra.

Para ela, os *cangaceiros dependentes* habitavam nas terras destes chefes e não só se deixavam envolver em troca de proteção, havendo por trás um forte cunho de interesse financeiro, pois também se colocavam a serviço daqueles que lhes pagassem mais. Assim nos é permitido pensar o arcaísmo das possibilidades de trabalho na região no século XIX e início do XX. Salientamos serem essas relações marcadas por contratos verbais acertado entre as partes. (QUEIROZ, 1997. apud DUTRA, 2011, p. 21)

A função de jagunço era exercida para estes coronéis por um grupo de indivíduos armados, que se encarregavam de fazer a guarda das terras, de punir e executar os inimigos dos seus mandantes. Assim, o termo “cangaceiros dependentes” então colocado pela socióloga, refere-se aos jagunços que prestavam seus serviços aos senhores de terra e designa essa atividade como um vínculo de serviço “submisso” aos que melhor lhes recompensassem financeiramente. Dentre os serviços prestados aos coronéis por esses grupos, encontrava-se nas práticas o que

caracterizou o cangaço com os fortes traços de violência em que ele frequentemente é lembrado pelo corpo social.

Das muitas situações desfavoráveis que a população enfrentava pode se retirar uma “explicação” para a integração destes indivíduos nos bandos do cangaço, o que automaticamente gera uma multiplicidade de visões acerca deste fenômeno e de seus membros. O autor Frederico Pernambucano de Mello destaca outro fator significativo, que segundo ele contribui para a aparição deste movimento: o clima. O clima seco sempre assolou algumas partes interioranas da região Nordeste, mais conhecido como sertão, onde predomina o clima semiárido, caracterizado pelas poucas chuvas e pela baixa umidade. Nesse contexto, as dificuldades sociais tornaram-se ainda mais intensas, castigando e destruindo os sonhos dos moradores desta terra que, angustiados buscavam por melhores condições de vida, como nos mostra o autor:

Os longos períodos de estiagem produziam na sociedade sertaneja, golpeando sua incipiente estrutura e reduzindo à mais completa miséria famílias que, meses antes, gozavam da verde prosperidade dos tempos chuvosos. (...) Presente, tem-se a fartura; quando escasseia por um ano ou mais, o quadro trágico das lavouras perdidas, do gado morrendo à mingua, das procissões profanas dos retirantes desesperados, dos barreiros esturricados, do salve-se quem puder. (MELLO, 2004, p.172.)

A partir desta situação descrita pelo autor, podemos perceber as circunstâncias angustiantes em que vivia a população, conjecturando que este seria um dos fatores pelo qual estes indivíduos ingressariam na vida do cangaço.

Na terceira forma, o cangaço figura como última instância de salvação para homens perseguidos. Representava nada mais que um refúgio, um esconderijo, espécie de asilo nômade das caatingas. (Ibid., p. 89.)

Assim, partindo deste ponto vista, o cangaço representaria um amparo para a vida árdua destas pessoas. Os motivos de adesão ao movimento também influenciavam nos atos do próprio cangaceiro, bem como suas crenças e valores, intervindo em como este iria efetuar suas ações, determinando a proporção de violência utilizada. Com base na perspectiva trabalhada por Frederico Pernambucano de Mello, alguns grupos do cangaço se caracterizariam por sua luta contra as injustiças sociais, vindo através do seu próprio sofrimento e do de um povo cansado do descaso, um motivo concreto para seus atos. Um dos grupos que seguiam pelo viés do bandoleirismo, sendo considerado um exemplo dessas atitudes foi o bando de Jesuíno Brilhante, o “cangaceiro romântico”, que representava para os sertanejos uma espécie de “herói”, pois este em seus atos de

bondade devolvia para a população o que lhes eram retirados pelos poderosos.⁶

As atitudes do bando de Jesuíno também se enquadram nos traços de um cangaço justiceiro, que busca agir em prol das minorias desfavorecidas, seja em questões de recompensar os bens perdidos ou até mesmo em vingar-se, tendo isto como forma de justiça. O sentimento de vingança estaria vinculado ao próprio contexto de inserção do indivíduo no grupo, visto que este já entrava com intuito de revidar um fato ocorrido, muitas vezes envolvendo parentes ou pessoas próximas, assinalado pelas mortes ou violência contra estes. Todavia, foi característico do movimento do cangaço, as marcas de violência que se faziam pelos cangaceiros, embora este na melhor das hipóteses fosse visto como menos repressivo, ou até mesmo como um herói, ainda assim praticavam atos de agressividade, porém só matavam “para defender sua honra”. Podemos perceber isto através da citação abaixo, quando o autor Eric Hobsbawm em seu livro *Bandidos* fala das múltiplas percepções a respeito das atitudes dos cangaceiros:

São heróis, não a despeito do medo e horror que inspiram suas ações, mas, de certa forma, por causa delas. São menos desagradadores de ofensas do que vingadores e aplicadores da força; não são vistos como agentes de justiça, e sim como homens que provam que até mesmo os mais fracos e pobres podem

ser terríveis. (HOBSBAWM, 1975, p. 54)

O autor descreve acima como eram vistos estes ícones pelo povo que os cercavam, caracterizando-os como heróis e, apesar de toda a brutalidade de seus atos, viam estas como ações de bravura e honra. A história, bem como sabemos, não possui uma “versão oficial”, uma verdade irrefutável, mas sim interpretações e pontos de vistas diversos em relação a um mesmo objeto que compõe essa história, os homens. Assim não seria diferente se tratando do fenômeno do cangaço e de seus representantes que, tal como constituintes deste enredo, são passíveis de compreensões diversificadas sob ópticas distintas. Portanto, os mesmos indivíduos outrora vistos como heróis, são também vistos como bandidos por muitos, perpassando variadas concepções.

Não obstante, à primeira vista causa estranheza encontrarmos bandidos que não só praticam o terror e a crueldade numa medida que não pode ser explicada como simples retaliação, mas cujo terror na verdade faz parte de sua imagem pública. (HOBSBAWM, 1975, p. 54)

Apesar das divergências nos motivos de entrada do cangaço e nas intenções dos bandos, o procedimento para atingir uma determinada finalidade, seja ela considerada boa ou ruim, era praticamente o mesmo, empregando a força, de forma cruel em alguns

casos. Essas práticas em muito ajudava a montar a imagem de um cangaceiro bandido, acabando por apresentar a face bárbara do cangaço, o que para outros grupos não era tido como algo prejudicial, ao contrário, ao se fazer isso estariam de certa forma impondo respeito dentro e fora do próprio bando, transmitindo através de seus atos o medo, por meio dos assaltos às cidades, dos sequestros, das mortes, etc., amedrontando até mesmo as autoridades da época.

A busca pela consolidação da memória: uma óptica de interesses

Antes de adentrarmos na discussão quanto às obras dos memorialistas, se faz pertinente expor segundo relatos como se deu a tentativa de assalto à cidade de Mossoró, esclarecendo aspectos importantes para esta análise.

Mossoró, cidade situada no Estado do Rio Grande do Norte, possuindo uma importância ímpar no desenvolvimento econômico do Estado, bem como valorosa no que concerne à cultura, detém uma história avultada, caracterizada pelo seu papel de centralidade comercial durante o início da república. Essa cidade, localizada entre a capital do Estado, Natal, e a capital do Ceará, Fortaleza, viu seus anais serem redigidos inicialmente apenas como uma cidade de

intercurso, sem grande expressão, todavia, conforme a produção de sal crescia, bem como com a chegada de empreendedores e a construção da estrada de ferro, houve uma dinamização da economia, crescendo o porte da cidade⁷.

Diante de um crescimento distinto, Mossoró recrudescera com exímia diferença das demais cidades do Rio Grande do Norte. Com um aumento populacional proeminente, sua envergadura simbólica, no que se refere a economia e ao desenvolvimento demográfico, posteriormente, iriam caricaturar um polo de afamada expressão no Estado. Nesse contexto, é possível visualizarmos as razões pelas quais o bando de Lampião decidiu invadir a cidade: roubar à afamada cidade e se estabelecer ainda mais como detentores de poder e destreza. Por essa razão no dia 13 de junho de 1927, houve a tentativa de assalto naquele município.

Quando informados que o bando de Lampião estava de passagem pela região, as ameaças de um possível ataque espalharam-se e o temor da população levou o prefeito da época Rodolfo Fernandes a promover uma evacuação no município, deixando apenas alguns habitantes armados para fazer a defesa da cidade juntamente com polícia local. Após o envio de dois bilhetes do bando, o assalto é tentado quando os governantes da cidade respondem que não entregariam o dinheiro

que foi pedido. Em poucas horas, após a resposta, Lampião mandara 53 de seus cangaceiros para invadir a cidade de Mossoró, que ao fazê-lo, encontrou os homens armados reunidos para a defesa. No combate o bando perdeu dois de seus importantes cangaceiros, Colchete e Jararaca. O confronto teve seu fim depois da retirada do bando de Lampião da cidade, saindo como vitorioso o grupo dos resistentes, sendo comemorada até hoje como datas festivas.

Já se tornou explícito que existem várias percepções acerca do fenômeno do cangaço, que analisam o movimento de ângulos diferentes. Essas concepções contribuem para a observação do cenário mossoroense, visto que, é sob essas perspectivas que se constrói o imaginário da sociedade, influenciando em seus discursos e nas produções desta. Sendo assim, é de suma importância para o leitor que se compreenda até aqui a construção destas visões, para se analisar as obras dos memorialistas da região. A partir destes escritos podemos perceber como é representada a memória da tentativa de entrada do bando de Lampião à Mossoró e como o relato desse acontecimento, a partir do lugar social dos narradores, interfere na compreensão do evento e na imagem dos indivíduos que o fizeram. Para se entender melhor a produção dos memorialistas Raul Fernandes e Raimundo Nonato em suas obras

“A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró” e “Lampião em Mossoró”, respectivamente, é necessário a princípio, assimilar o contexto de elaboração, ou seja, o lugar social dos autores.

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. [Pg. 066] É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 1982, p.57)

Como nos apresenta Michel de Certeau, o contexto no qual o indivíduo está inserido influencia em seus atos e em seus posicionamentos, onde o sujeito está propenso a se voltar em função do seu ponto de vista, defendendo uma série de interesses que está intrínseco às percepções que seu âmbito proporciona. Portanto toda e qualquer produção está sujeita receber as particularidades e inclinações que o autor carrega em si. Ao ser aplicado este conceito ao panorama das construções narrativas de Mossoró, é perceptível como estas colocam em evidência a ambição em destacar o fato, exaltando a força dos resistentes à entrada do bando de Lampião.

Raimundo Nonato - Lampião em Mossoró

Raimundo Nonato da Silva, conhecido como importante escritor da região, nasceu no dia 18 de agosto de 1907 na cidade de Martins no Rio Grande do Norte. Foi responsável por escrever vários livros de grande destaque, possuindo a característica de memorar em seus escritos a cidade de Mossoró, que foi seu refúgio durante a seca de 1919, apresentando os seus costumes, hábitos e sua história. O autor deixou inúmeras publicações com ênfase literária, biográfica e histórica. Além de escritor, Raimundo Nonato foi pesquisador, professor, jornalista, romancista, entre outros, chegando a ser membro importante de instituições reconhecidas, tais como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Academia de Letras do Brasil, Associação dos Professores do RN, etc.

Sua obra *Lampião em Mossoró* está dentre as principais publicações do autor sendo uma das mais lidas e conhecidas popularmente. Essa produção teve sua primeira edição lançada 50 anos após entrada de Lampião na cidade, em 13 de junho de 1977, período de comemoração para o município. É notável que esta possui em seu discurso elementos que irão enaltecer a grandiosidade do ato de expulsão do bando, ganhando mais visibilidade pública por ter o

apoio dos dirigentes locais e ajudando-os a firmar a tão esperada imagem de cidade da resistência, elencando a obra como parte desta construção, como apresenta o historiador Marcílio Falcão:

Assim, pensar nas comemorações da resistência aos cangaceiros, antes de tudo, era pensar nas estratégias para atrair a população a participar das comemorações. Na perspectiva de consolidar a imagem de Mossoró como “cidade da resistência” no cenário regional, a preparação das comemorações foi permeada pelas parcerias feitas entre a Prefeitura Municipal de Mossoró com a Igreja Católica e o Colégio Diocesano Santa Luzia. (FALCÃO, 2013, p. 66)

Desta forma, além de procurar através do destaque dado aos resistentes, mostrando os valores da população mossaoroense, se torna claro também, a busca por parte de alguns para ressaltar ação destes como heroica, destacando dentre eles o Prefeito Rodolfo Fernandes, como grande idealizador da execução.

O evento acontecido em Mossoró é colocado por Raimundo Nonato ao longo de sua narrativa, descrevendo as ações dos cangaceiros até o culminar da tentativa de assalto, como se pode observar no relato feito pelo autor sobre a jornada empreendida por Lampião para chegar à cidade de Mossoró:

Esse tempo relâmpago de menos de cem horas, tanto quando levou o grupo de “Lampião” no Rio Grande do Norte, permitiu, contudo, à malta desenfreada

percorrer um número de léguas quase inacreditável, pois cobriu, em uma viagem batida de quatro dias apenas, um percurso que anda perto de 400 quilômetros, com uma poderosa cavalaria de montada, apetrecho de guerra, prisioneiros, animais de muda e mais de 60 combatentes, poderosamente armados, para qualquer eventualidade. (NONATO, 2015, p. 16)

Percebe-se, nesta parte de sua narrativa, que Raimundo Nonato destaca a ação do percurso traçado pelo bando de Lampião para chegar ao município como “quase inacreditável” que, segundo ele, se deu pela rapidez de sua viagem. Evidência, portanto, sua visão de que os cangaceiros percorreram todo esse caminho em busca de riquezas, levando consigo equipamentos que lhes permitissem o desenvolvimento do plano que, para o autor, ainda que não tenha se concluído, já havia sido planejado, aguardando um desfecho vitorioso. Raimundo Nonato também ressalta que a cidade de Mossoró na época, tinha grande importância para os municípios próximos, devido a sua progressão econômica, destacando-se pelo título de “Capital do Oeste”, nome recebido em virtude do crescimento do comércio na região, o que despertou o interesse do bando em assaltar a cidade. Assim, deixa então subtendido, uma interpretação dos cangaceiros como figuras ambiciosas, de má índole, de bandidos prontos para destruir a cidade se necessário.

Apesar de o autor trabalhar as fontes da época na formação de seu livro, este acessa somente um lado da história, ou melhor, constrói-se uma narrativa segundo a visão de pessoas que participaram da resistência ou foram de alguma forma prejudicadas pelos cangaceiros, (re)produzindo um ideário para a sociedade: os resistentes como os grandes heróis vitoriosos, pelo seu ato de bravura em defender sua cidade e seus habitantes e os cangaceiros como vilões, terríveis inimigos que praticavam atrocidades.

Ao tomar esse posicionamento Raimundo Nonato coloca como verdade somente uma versão da história, não avaliando o lado dos cangaceiros, relegando seu contexto de vida e classificando-os como meros monstros. Logo no início de sua obra, na introdução, o autor esboça a real intenção do livro:

O propósito real dessa publicação, outra não é senão, o de levantar do esquecimento, do pó dos arquivos e das páginas dos velhos jornais da época, o noticiário exato e a descrição minuciosa das cenas de vandalismo, praticadas pelo grupo de Virgulino Ferreira, na sua passagem pela Zona Oeste do Rio Grande do Norte. (NONATO, 2015, p. 15)

O intento do autor não é criar uma história de Lampião e noticiar seus feitos e ações, ao contrário é monumentalizar a ocorrência em Mossoró e trazer essa cidade como ponto principal em sua narrativa. O

cangaço, fenômeno largamente comentado e pensado por inúmeros pesquisadores, ganha em Nonato, ares de um ajuntamento de asseclas que traziam medo por onde passavam, mas que encontraram em Mossoró a vergonha que não esperavam.

Raul Fernandes - A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró

Raul Fernandes, nascido no ano de 1908 na cidade de Mossoró, conhecido por muitos na região, é filho do prefeito Rodolfo Fernandes, que administrou o cargo na cidade durante o período de 1926 a 1928. Período no qual aconteceu o ataque do bando de Lampião ao município. No ano do evento (1927) Raul Fernandes cursava as faculdades de Direito e Medicina da Bahia e durante muitos anos atuou como médico, sendo bastante conceituado, chegando a exercer o cargo de professor titular na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Sua obra *A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró* é uma das mais famosas da região ao lado da obra de Raimundo Nonato observada anteriormente, que por sua vez também relata o fato ocorrido na cidade de Mossoró. A primeira edição desta foi igualmente lançada em 13 de junho de 1977, ano do cinquentenário do assalto do bando do

famigerado cangaceiro à Mossoró. Em sua narrativa, Raul Fernandes, ao contrário do que faz Raimundo Nonato em sua obra, irá incluir os cangaceiros como parte da cultura mossoroense, reforçando a já existente fama de temível cangaceiro, passando a ser reconhecido na região pelo título de “Rei do Cangaço”. O que antes não merecia reconhecimento, agora deveria tê-lo, pois assim como o memorialista Raimundo Nonato o objetivo era claramente o mesmo, valorizar a força dos resistentes da cidade de Mossoró, porém neste momento destacava-se a valentia destes para que, quanto maior a projeção feita em torno da figura do cangaceiro, maior fosse o mérito dos homens que o expulsaram da cidade num ato heroico, que deveria obter o prestígio de toda a população e até mesmo o de outras regiões.

O autor esboça, assim como Raimundo Nonato, o desejo de preservar a história daquele acontecimento notório. Segundo ele, muitos foram pedir para que escrevesse algo sobre aquele momento: “você não pode deixar que se perca a história do assalto de Lampião a Mossoró. Inúmeras vezes ouvi esse apelo de amigos, do homem comum e de intelectuais”. (FERNANDES, 2007, p. 21) Em sua narrativa, Raul Fernandes, demonstra interesse em massificar uma memória, perpassa-la as gerações futuras, para que aquele acontecimento não

caísse no esquecimento, ao contrário, fosse louvado e conclamado.

Destarte, partindo também com o apoio dos governantes, como parte de uma política pública para atrair notoriedade à cidade de Mossoró, Raul Fernandes lança sua obra para fazer parte dessa criação da identidade do município, como nos mostra Marcílio:

Os festejos do cinquentenário da invasão dos cangaceiros a Mossoró deixaram visíveis as intenções das autoridades locais e estaduais em promover o desenvolvimento do turismo. (op. cit., p. 73)

Nota-se, que a obra é utilizada como estratégia para atrair maior visibilidade por meio do entretenimento, trazendo o turismo para a região e dando destaque a seu povo como aqueles que conseguiram realizar um feito jamais exercido em outras localidades.

Embora Raul Fernandes se declare imparcial aos fatos em sua narração, pode-se perceber que esta aspiração não é atingida, uma vez que este não só engrandece a sociedade mossoroense, como também a figura do prefeito da cidade, o seu pai.

A vitória de Mossoró, em prol do bem comum, fixou o heroísmo de seus filhos. Feito proclamado nos quatro cantos do País. Lição de grandeza de um povo pleno de civismo consciente, do qual todo o Nordeste exultou agradecido. (FERNANDES, 2007, p.24).

Ao considerar a subjetividade de um ser que possui sentimentos inerentes e compartilha de especificidades dentro de seu lugar social, essa isenção em sua escrita será praticamente inatingível, já que este sempre intervirá em favor de seus ideais e dos de seus próximos.

Essa concepção da memória do evento, reforçada pela obra do autor, pode ser constatada dentro da conjuntura da cidade de Mossoró até hoje, onde é repassada para a população por meio do espetáculo teatral “Chuva de Balas no País de Mossoró”, a representação do êxito brilhante dos resistentes sobre o bando de Lampião. Deste modo, todos os anos, na data do acontecimento, é interpretado este discurso, fazendo-se perpetuar a memória dessa versão declarada “oficial” que, assegura o turismo e com ele o lucro para o município. Assim, esta memória acaba sendo usada como fonte de rendimento para poder público, moldadas aos seus interesses, se utilizando desta para atrair turistas, destinando-se mais a entretê-los do que dar um sentido histórico a ela, não importando se o conteúdo aborda o fato como uma forma de esclarecimento para a população ou se apenas reproduz discursos falhos de uma versão da história.

Sob esse passado que perfaz a identidade mossoroense, podemos usar as arguições de Le Goff que nos possibilita ver

como a elite, para perpetrar e manter seu poder, se utiliza da memória coletiva para estabelecer seu mando. Assim, Le Goff assinala:

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam (...) Os esquecimentos e silêncios da História são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 2003, p. 422)

Com base no exposto, podemos inferir que em Mossoró esse passado é construído e as obras como a de Raul Fernandes e Raimundo Nonato são utilizadas para glorificar os feitos pelos mossoroenses no combate a Lampião, evidenciando pujança e destreza desse povo que herda a herança da coragem e da valentia, fomentando um ideal para os munícipes que é outorgado pelo poder público municipal.

Considerações finais

Pela observação dos aspectos analisados, constata-se que os memorialistas em suas produções, operam em torno do movimento do cangaço pretendendo construir uma imagem deste, apresentando-o como um fato grandioso para cidade, enaltecendo a memória dos resistentes como seres louváveis que rechaçaram os destemidos e ferozes cangaceiros do município de Mossoró.

Como pode ser visto ao longo deste estudo, ambos os autores buscam firmar, através da publicação de suas obras, a construção de um ideário na população mossoroense, entendendo esta como uma estratégia política dos governantes da cidade. Porém, os autores divergem com relação às representações que se deveria construir dos cangaceiros, ou seja, enquanto Raimundo Nonato fazia dos cangaceiros bandidos repugnáveis que não eram dignos de atenção, Raul Fernandes construía uma visão dos cangaceiros como homens corajosos e violentos, para reforçar o temor que estes sentiram diante do inesperado contra-ataque, engrandecendo ainda mais a figura dos resistentes.

Perante este fato, a sociedade mossoroense toma como objeto de verdade a obra destes escritores, bem como todas as medidas que foram implantadas para reforçar essa visão de “cidade heroica” pelos governantes, onde muitos aspectos contribuem para solidificar esse ponto de vista, dentre os quais está a posição social dos autores que influencia nas escritas deles e colabora na afirmação de suas narrativas, uma vez que os lugares de destaque lhes dão o apoio indispensável na transmissão dessas ideais para a sociedade. Assim, torna-se mais fácil crer naquilo que está sendo passado, seja nas obras dos escritores ou nos espetáculos

promovidos pela prefeitura atualmente, também como forma de divertimento para os turistas, do que buscar uma consciência histórica e crítica, capaz de refletir as variadas proposições que envolvem o tema.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4 Ed. Ver. São Paulo: Cortez, 2009.
- BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos: os cangaceiros do Nordeste**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Flor de Romances trágicos**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DUTRA, Wesley Rodrigues. **Nas Trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas Representações (1922-1927)**. – João Pessoa: UFPB, 2011. (Dissertação de Mestrado)
- FALCÃO, Marcílio Lima. **Jararaca: memória e esquecimento nas narrativas sobre um Cangaceiro de Lampião em Mossoró**. Mossoró: UERN, 2013.
- FERNANDES, Raul. **A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró**. 7ª Edição. João Pessoa: Coleção Mossoroense, 2007.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. **Bandidos;** tradução de Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1ª Ed. Brasileira, 1975.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto:** o município e o regime representativo no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5ª Edição, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol:** violência e banditismo no Nordeste do Brasil. Prefácio de Gilberto Freyre, São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

NONATO, Raimundo. **Lampião em Mossoró.** 5ª Edição. João Pessoa: Coleção o Mossoroense, 1998.

NOTAS

¹ Possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e bolsista do Programa de Demanda Social da CAPES. É membro do Grupo de Pesquisa História do Nordeste: sociedade e cultura.

² Possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e bolsista do Programa de Demanda Social da CAPES. É membro do Grupo de Pesquisa MNÊMIS - Memória, Identidade e Ensino de História.

³ O lugar social nas palavras de Michel de Certeau, é o meio que cerca uma produção, são as influências políticas, sociais e econômicas que, arregimentam-se

em torno de uma pesquisa e obra. Para uma melhor compreensão ver: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

⁴ Um estudo que trouxe a temática Nordeste, enquanto espaço de marginalização e de inferioridade, foi o da historiadora, Rosa Maria Godoy Silveira, tornando possível outras pesquisas que a sucederam. Ver: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O regionalismo nordestino:** existência e consciência da desigualdade regional. 1ª. ed. São Paulo: Moderna, 1984. Outra obra relevante para essa discussão é a de Frederico de Castro Neves, ver: NEVES, Frederico de Castro. **A memória do Espaço e o Espaço da memória:** a construção imaginária do Nordeste. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, 1992

⁵ Ver: LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil.** 7ª ed. Companhia das Letras, 2012.

⁶ Ver: CASCUDO, Luiz da Câmara. **Flor de Romances trágicos.** Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1982. BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos:** os cangaceiros do Nordeste. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

⁷ ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão urbana de Mossoró (período de 1980 a 2004):** geografia dinâmica e reestruturação do território. – Natal, RN: EDUFRN Editora da UFRN, 2005. p. 23 – 46.

357

Recebido em: 29/10/2018.

Aprovado em: 20/12/2018.

Publicado em: 10/01/2019.